

Conclusão

A arquitetura moderna foi o cenário das utopias sociais dos primeiros 30 anos do século XX, uma vez que suas propostas e ideais foram inseparáveis do contexto histórico da época. O modo de produção havia mudado com a revolução industrial dos séculos XVIII e XIX, provocando transformações em vários setores da vida: reorganização das classes sociais, crescimento das cidades, preocupação com questões sanitárias, transporte dos trabalhadores, mudança do cliente pessoal para o cliente coletivo, entre outras. A guerra também provocou, em todos os países atingidos, um desejo urgente de transformação das relações sociais e do ambiente vivido, em busca de uma vida melhor. Intelectuais, arquitetos e urbanistas uniram-se em torno do desejo de implementar tais transformações, empreendendo uma verdadeira revolução arquitetônica.

“Toda revolução lingüística nasce de uma rejeição do código dominante.”¹

A arquitetura moderna fala, na verdade, da forma apropriada para os novos tempos: sociedade industrial, sociedade de massa, capitalismo, concentração de renda, direcionamento de consumo, mínimo custo e máximo rendimento, etc. Unir forma e função foi uma tarefa alcançada apenas pelos grandes mestres, que infelizmente foram copiados infinitamente por arquitetos que não entenderam sua mensagem e espalharam pelas cidades uma arquitetura que de longe respeitava a proposta inicial da quantidade com qualidade.

“Foi o levar em consideração, sob o prisma da arquitetura e do urbanismo, as condições de vida e também das aspirações daqueles para os quais não existira outra arquitetura além daquela imaginada e desejada por seus empregadores ou por aqueles que especulavam com sua miséria - vilas operárias, cortiços, casas de aluguel em Berlim, etc - que fez com que para os "novos arquitetos" dos anos vinte o "moderno" não fosse um estilo mas sim uma causa.”²

Bruno Zevi pergunta qual o conteúdo da arquitetura, do espaço arquitetônico

¹ ZEVI, Bruno. *“A Linguagem Moderna da Arquitetura”* Lisboa, Publicações Dom Quixote, Coleção Arte e Sociedade, 1984. Pág 230.

² KOPP, Anatole. *“Quando o Moderno Não Era Um Estilo e Sim Uma Causa”* São Paulo: Nobel – Editora da Universidade de São Paulo, 1990. Pág. 26.

e responde que, na realidade da imaginação arquitetônica e na realidade dos edifícios, existe o conteúdo social, isto é, *são os homens que vivem o espaço, são as ações que nele se exteriorizam, é a vida física, psicológica e espiritual que decorre neles.*³

O conceito de reformulação do modo de vida está por trás da teoria da arquitetura moderna dos anos 20 e 30. Essa nova sociedade criada a partir das novas relações de produção e das novas relações entre os indivíduos, os grupos sociais e até os sexos, teve que abrir mão dos hábitos e comportamentos da sociedade antiga. Os artistas em geral e os arquitetos em particular impuseram-se a tarefa de projetar e construir o mundo em que viveria essa sociedade. A mudança essencial, portanto, foi o fato de os arquitetos e designers terem aceitado a responsabilidade de promover transformações sociais, onde a arquitetura e o design deveriam satisfazer às necessidades funcionais exigidas e a satisfação única dos desejos estéticos continuaria por conta da produção dos pintores e escultores.

*“Mesmo se pecaram por otimismo, (...) os funcionalistas dos anos 20 acreditaram que a história lhes reservara uma missão.”*⁴

A indústria colocava em circulação séries de objetos idênticos e não mais qualitativamente distintos e direcionados para as classes sociais que os utilizavam. No entanto, o desejo dos artistas engajados no movimento moderno era permitir à indústria ser capaz de produzir objetos de valor artístico e de transformar a velha sociedade vertical, classista e hierárquica em uma nova sociedade, horizontal, sem classes e funcional.⁵

Os edifícios construídos nos 30 primeiros anos do século XX demonstram que os arquitetos não se preocupavam apenas com a construção de obras singulares, mas também com a possibilidade de produzir industrialmente elementos construtivos de qualidade artística que servissem às massas populares na sua vida cotidiana. O funcionalismo puramente utilitário, que sequer se preocupa com o problema da forma ou afirma que o útil é obrigatoriamente belo ou que o belo é o resultado exclusivo das preocupações utilitárias, não era suficiente para suprir as

³ ZEVI, Bruno. *“Saber Ver Arquitetura”* São Paulo: Editora Martins Fontes, 1994. Pág. 189.

⁴ KOPP, Anatole. *“Quando o Moderno Não Era Um Estilo e Sim Uma Causa”* São Paulo: Nobel – Editora da Universidade de São Paulo, 1990. Pág. 23.

⁵ ARGAN, Giulio Carlo. *“História da Arte como História da Cidade”* São Paulo: Editora Martins Fontes, 1995.

necessidades que iam além das necessidades biológicas primárias. O grande público viu uma arquitetura psedomoderna ser construída por toda a cidade e que, de moderno, possuía somente a falta de ornamento, criando o estigma de que a arquitetura moderna é toda igual.

No entanto, o aspecto social que guiava os projetos urbanísticos e arquitetônicos do movimento moderno não pode ser interpretado apenas como materialista ou prático, mas como um movimento cujo objetivo era qualitativo, sendo o homem o ponto de partida e o ponto de chegada dessa arquitetura. Os arquitetos modernos não desejavam uma arquitetura que se colocasse acima do homem ou que fosse independente dele.

Os arquitetos responsáveis por essa revolução arquitetônica compartilharam da pesquisa de novos materiais e novas técnicas construtivas. As formas arquitetônicas desenvolvidas não deveriam estar em contradição com esses materiais e técnicas, assim como não deveriam estar submetidas a eles. Os materiais deveriam ser usados apenas para aquilo que eram próprios. A forma escolhida deveria respeitar a natureza dos materiais, uma vez que não era mais aceitável revestir um pilar de ferro ou concreto com pedra, para simular um pilar de pedra ou ainda repetir formas do passado utilizando novos materiais no lugar dos antigos.

Afirmar, por exemplo, que o desenvolvimento de um arranha-céu foi determinado pela técnica construtiva da estrutura em concreto armado ou aço é errôneo por dar à palavra “determinar” o significado de motivador, causador, ocasionador⁶, como se o progresso da engenharia fosse razão única e suficiente para explicar uma forma arquitetônica.

Não há dúvida de que a história da construção é parte tão importante da história da arquitetura moderna que, sem ela, uma análise crítica torna-se incompleta. No entanto, *“parece absurda a tese segundo a qual as formas arquitetônicas seriam determinadas pela técnica construtiva”*.⁷ Muitas vezes ocorreu o inverso: as novas formas repetiram as técnicas já superadas, como por exemplo, a Torre de Einstein, de Mendelsohn, onde o material usado foi o tijolo com argamassa,

⁶ Dicionário Aurélio, página 671, definição nº 5.

⁷ ZEVI, Bruno. *“Saber Ver Arquitetura”* São Paulo: Editora Martins Fontes, 1994. Pág. 150.

enquanto o concreto armado, material mais indicado para execução da obra, já estava disponível para utilização.

A Alemanha passou por um movimento reformador, liderado por intelectuais ligados às letras e às artes, preocupado com o futuro da civilização, colocando em questão as estruturas da sociedade existente e os comportamentos humanos no âmbito da vida cotidiana em relação à habitação, à educação, ao lazer, às artes, etc.

No rastro desse movimento reformador nasceu a Deutscher Werkbund, cujo campo de atividades restringiu-se às artes e à arquitetura e defendia que os meios industriais permitiriam o desenvolvimento artístico e não seu desaparecimento. Esse movimento teve o apoio de artistas, arquitetos e industriais dispostos a introduzir qualidade artística nos objetos utilitários produzidos em série para a massa da população, visando, evidentemente, o sucesso no campo comercial.

Os arquitetos modernos empenharam-se em resolver os problemas quantitativos das massas proletárias em relação à arquitetura e ao urbanismo, através da tipificação e da produção industrial dos materiais de construção, influenciando e, de alguma forma, determinando a realização de inúmeras construções, principalmente na luta pela “casa mínima”, promovendo o desenvolvimento e o aprimoramento do campo habitacional. A *Neues Bauen*, como era chamada essa arquitetura moderna alemã voltada apenas para o atendimento da função, apresentou inúmeras soluções para o problema da cidade construída a partir da revolução industrial.

A Bauhaus não foi uma associação de arquitetos e urbanistas em torno de uma causa, mas uma instituição de ensino que apresentou, interna e externamente, ao longo de sua existência, diversos pontos de vista que não visavam compor uma doutrina artística para ser copiada indeterminadamente. A Bauhaus de Gropius não queria apenas ser um lugar de estudo das metodologias de projeto, mas o modelo de uma sociedade-escola, ou seja, uma sociedade que, projetando seu próprio ambiente, projetava a sua reforma.

“A solução depende de uma modificação da disposição do indivíduo em relação a seu trabalho, e não das circunstâncias exteriores.”⁸

⁸ GROPIUS, Walter. In: BENEVOLO, Leonardo. *“História da Arquitetura Moderna.”* São Paulo: Editora Perspectiva, 3ª edição, 2001. Pág. 418

A tarefa da arquitetura, segundo Benévolo⁹, não diz respeito apenas à qualidade, nem apenas à quantidade, mas à mediação entre esses dois aspectos. Gropius foi o primeiro a tratar do conflito entre as vantagens da quantidade proporcionada pela indústria e da qualidade do trabalho artesanal. Sua luta foi descobrir um modo de produzir industrialmente produtos com qualidade, sem deixar de lado as vantagens quantitativas. Assim, a padronização pode ser vista a partir de seus dois aspectos: ao mesmo tempo em que permite produzir grandes quantidades de objetos idênticos, também exige que um projeto para o produto seja elaborado, levando em consideração as possibilidades técnicas de produção, os custos, os materiais utilizados e, finalmente, a qualidade estética. A proposta de Gropius foi fundamental na elaboração da nova arquitetura.¹⁰

“A obra de Gropius enquadra-se na crise dos grandes ideais que caracteriza a cultura alemã deste século; também ela nasce da desagregação dos grandes sistemas e da confiança restabelecida numa crítica construtiva, capaz de colocar e resolver os problemas imediatos da existência.”¹¹

Por fim, é importante lembrar que a Alemanha foi o país europeu onde a arquitetura moderna teve maior repercussão na prática arquitetônica tanto quantitativa quanto qualitativamente. Os arquitetos modernos alemães conseguiram aplicar suas teorias, porque estavam ligados ao governo, ocupavam cargos públicos e tinham suas construções subvencionadas com verbas públicas. Isso, entre os anos de 1925 e 1933, significou um impulso representativo no movimento moderno, permitindo que arquitetos como Gropius e Ernst May usufruíssem desse posicionamento político. No entanto, esse impulso transformou-se em freio com a chegada dos nazistas ao poder, uma vez que a dependência do governo fez com que a arquitetura passasse a seguir seu gosto e sua determinação.¹²

⁹ BENEVOLO, Leonardo. *“História da Arquitetura Moderna.”* São Paulo: Editora Perspectiva, 3ª edição, 2001. Pág. 420.

¹⁰ ARGAN, Giulio Carlo. *“História da Arte como História da Cidade”* São Paulo: Editora Martins Fontes, 1995.

¹¹ Id., *“Walter Gropius e a Bauhaus”* Lisboa: Editorial Presença, Coleção Dimensões, 2ª edição, 1990. Pág. 7.

¹² BENEVOLO, Leonardo. *“História da Arquitetura Moderna.”* São Paulo: Editora Perspectiva, 3ª edição, 2001. Pág. 538.